



RECORTES

Alameda Ribeiro da Silva, 491

CEP 01217 - Telefones: (011) 223-9310 - 220-4661

Cliente: AGENCIA ESTADO
Veículo: FOLHA DA MANHÃ - ARAÇATUBA
Data: 20.07.91
Seção: REVISTA
Página: 11



O processo de desertificação é um fenômeno múltiplo

Desmatamentos, queimadas e diamantes

LIANA JOHN, Texto Final

Reportagem: Ayrton Centeno, Carlos Garcia e Gilberto Melo, da Agência Estado

Entre os meses de agosto e outubro, a esparsa vegetação nas cabeceiras do rio Parnaíba é queimada pelos fazendeiros de gado. Aliadas aos desmatamentos das matas de Galeria e margens dos cursos d'água, que abrem espaço para roças de subsistência, essas queimadas vêm acelerando o processo natural de desertificação de Gibubues, no sul do Piauí. Os latifundiários utilizam o fogo para a rebrota do capim sustentar uma poucas cabeças de gado e, com isso, devastam o solo, provocando a morte da flora e da fauna, denuncia o fotógrafo e ecologista Alcide Filho.

Para realizar um documentário "Nascentes, Uçuguetes" sobre a desertificação na região, Alcide Filho desceu as corredeiras das serras da Mangabeira e Tabatinga, a partir do encontro das águas dos Riachos Água Quente e Curriola, onde nasce o Parnaíba. Foram três dias a bordo de balsas feitas de talos de Buriti (Mauritia SP), por 120 quilômetros entre a vila de Cedro, no Maranhão e Santa Filomena, no Piauí.

O Documentário, 20 minutos em VHS, mostra a evolução do núcleo de desertificação de Gibubues na direção das nascentes do Rio Parnaíba. O areal, que já toma conta de 1.240 km² de paisagem, teve início antes da chegada do homem devido à erosão hídrica sobre uma mancha de solo extremamente frágil - constituído de areias quartzosas muito pobres em nutrientes.

Chuvvas torrenciais lá

ocorrem em curtos espaços de tempo, seguidos de longos períodos de seca. Quase sem vegetação nativa, dada sua pobreza química, a terra recebe as chuvas desprotegida. Embora sejam menos de 500 mm por ano, a violência das águas, desagrada o solo, abre canais de escoamento, trincheiras profundas nas zonas de declives. A erosão hídrica somam-se outra vez, os ventos, levantando nuvens de poeira em redemoinhos. E as chuvas e aos ventos junta-se ainda o homem, com atividades agressivas ao meio.

Nos anos 40, o núcleo desertificado de Gibubues e Monte Alegre foi desmatado, esburacado e revolvido na busca descontrolada dos diamantes encontrados na estreita faixa de cascalho sobre a camada arenosa. Ainda há lavras de diamante, com escavações mais profundas, em Monte Alegre. Na área desertificada de Gibubues já não se registra ocupação humana, mas nos limites, o desmatamento e a pecuária ainda hoje contribuem para o avanço do deserto.

Os brejos - baixadas inundáveis, povoados pelo Buriti - até há alguns anos restringiam o fogo aos campos dos fazendeiros. Agora, com a repetitividade das queimadas, o fogo já está ultrapassando os brejos - e, vindo a encosta oriental da serra da Tabatinga, onde estão as nascentes desses brejos. É o início de um ciclo vicioso que leva a mais aridez: com a vegetação reduzida a cinzas, menos água infiltra no solo, mais água escorre, a erosão aumenta, os brejos são assoreados, a vegetação não rebrota e assim por diante. O deserto de Gibubues está a 150 quilômetros dos principais olhos d'água, hoje sofrendo esse processo

de ressecamento. A principal barreira para o encontro das duas áreas em processo de desertificação é o rio Uruçuí Vermelho, mas há estimativas de que o encontro das duas áreas ocorra dentro de uns dez anos, tal o ritmo do processo.

O semi-árido nordestino foi classificado, na Conferência das Nações Unidas sobre a desertificação, em Nairobi, em 1977, como uma região de alto risco, lembra o agrônomo Benedito Vasconcelos Mendes, da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, autor de vários livros sobre a região. Nos 1,15 milhões de quilômetros quadrados do polígono das secas existem ecossistemas frágeis, muito vulneráveis à desertificação. Qualquer desequilíbrio nesses ecossistemas - naturalmente limitados pela escassez e pela irregularidade das chuvas - em algumas áreas, pela fragilidade dos solos - pode abrir novos núcleos.

Atualmente, dado o empobrecimento geral do país, a concentração fundiária e mudanças nos sistemas tradicionais de produção, a pressão sobre a caatinga tem aumentado, e com ela, aumenta o risco de desequilíbrios. A caatinga, (do tupi caá (mato) tinga (branco)) e assim chamada pela coloração acinzentada da vegetação no período seco. Essa vegetação é aberta e se caracteriza por arbustos baixos, espinhentos com folhas, raízes, troncos e cascas adaptadas à escassez de água. Muitas espécies de cactus - como os quipa, mandacarus, cardeiros, xique-xiques e coiros-de-frade - também integram a paisagem e, nas clareiras abertas entre eles, ervas e gramíneas crescem no período chuvoso.

O processo de desertificação

A Fauna não é abundante em indivíduos nem rica em espécies como a das florestas tropicais. Mas sobre ela pesa a maior pressão de caça para subsistência do país. Os animais de porte, que vivem nas poucas matas de galeria e brejões, como a onça-pintada (panthera onca), a sussuarana (felix concolor) e a anta (tapirus terrestris) já desapareceram. A capivara (hydrochoerus hydrochoeris) só existe em algumas ilhas do rio São Francisco e os tatu e lagartos de várias espécies têm tido sua população severamente reduzida, a exemplo do que ocorre com algumas aves, sobretudo as emus (rhea americana americana) e avoantes (zenaidura macroura).

A pressão sobre a fauna, a longo prazo, interfere na renovação natural da caatinga, castigada também pelo pastoreio de rebanhos domésticos, sobretudo os de bovinos e caprinos. Um processo de desertificação no semi-árido começa quando as plantas não conseguem se reproduzir e o solo fica sem proteção: observa Benedito Mendes. A

ausência dessa vegetação, além de facilitar a erosão pelas chuvas torrenciais e pelos ventos, faz com que o solo reflita a luz solar acima dos padrões normais.

Ocorrendo esse fenômeno - chamado de aumento do albedo - em grandes extensões, é possível haver mudanças no microclima. O fenômeno interfere na troca de calor da terra com a atmosfera e na formação do tipo de nuvens das quais depende a chuva do semi-árido, podendo resultar na redução da pluviosidade. Mendes acredita que isso já esteja ocorrendo em milhares de pontos do nordeste e lamenta a inexistência de condições técnicas e estudos que permitam quantificar as áreas em processo de desertificação. A organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), calcula que até o final do século o mundo perderá um terço de suas terras cultiváveis para os desertos, mas não há especialistas brasileiros que se arisquem a estimar de quanto, neste total, será a contribuição do país.